Assim eu vi o Rio Vermelho

Cid Teixeira

Claro que não é possível esperar depoimentos que, em tudo, coincidam, sobre épocas e fatos participados em comum. Ângulos de visão, tipos de interesse, antecipações, faixa etária, mil fatores contribuem para que os mesmos eventos sejam registrados de maneira paralela, não raro discordante. É um detalhe que escapa a um e se torna relevante para outro; são escalas diferentes para os valores a considerar; são prioridades importantes para A e perfeitamente descartáveis para B. Por isso mesmo é que estas possíveis "memórias do Rio Vermelho" são rigorosamente pessoais. Do mesmo período a que elas se referem — um pedaço da década de 30 e outro tanto dos anos 40 — outros poderão lembrar fatos e pessoas, que, aqui, não vão nem mencionados. Que o façam. Aliás, não somente os que viveram esse período no Rio Vermelho, como os que têm a contar de antes e de depois. E vou mais: não somente do Rio Vermelho, como de outros bairros e cidades, tão certo de que a história social repousa bem mais neste tipo de fixação do que naquilo que a burocracia registra e o *Diário Oficial* publica.

A recuperação da velha Igreja de Santana do Rio Vermelho — sempre por iniciativa, recursos e administração particulares — eixo em torno do qual gravitou a comunidade, hoje sede do Centro Social Monsenhor Amilcar Marques, enseja estas lembranças. Possa, também, fortalecer o sentimento de responsabilidade de todos os que ali viveram algum dia em para com a identidade e a fisionomia do bairro.

RIO VERMELHO E RIOS VERMELHOS

Havia um Rio Vermelho, que chamaremos de "nuclear" e alguns "rios vermelhos", que chamaremos de "adjacentes". Chame-se de "nuclear" o que ia do entroncamento da Avenida Oceânica com a Rua da Paciência até o início da Rua das Pedrinhas, na Fonte do Boi. "Adjacentes", para a formação do todo, serão a Vila Matos, o Alto de São Gonçalo, o Hipódromo, a Lucaia, a Chapada, o Morro do Solar Filinto, a Rua do Céu, a Santa Cruz.

O Hipódromo guardava só o nome. Já não havia, ao tempo que estas notas se reportam, qualquer vestígio de instalações destinadas ao *turf*. No que é, hoje, Parque Cruz-Aguiar, estava, tão-só e já decadente, o "Campo do Ipiranga" e, no meio do terreno, um velho casarão em que funcionava a Escola Euricles de Matos, dirigida pela professora Isolina. Ao lado, a Ladeira de Pedras por onde se alcançava a Estrada da Cruz das Almas. O que faz, dando o seu nome àquelas paragens, um senhor chamado Waldemar Falcão, que foi ministro do Trabalho?

Na parte do fundo do Hipódromo, estava a Chapada. Lugar de muita cobra e de se pegar *maculdrome*. Junto, o Morro do Solar Filinto, que tinha, no alto, uma casa sempre fechada que se dizia vagamente ser de um cônsul, que nunca aparecia. Adiante, passando pela Rua do Céu, estava a Fazenda Santa Cruz, lugar de escassas e muito pobres casas de rendeiros. Lá residira, em tempo recuado, um certo Baltazar Solé, de vida ainda a ser registrada. Era terra fora do urbano, que ia fazer limites, já em Brotas, com fazendas de Isac Jorge Franco e "Pequeno" Saldanha.

NO ALTO DE SÃO GONÇALO

Lá se podia chegar tanto pela estrada do Mata Maroto, passando pelo Engenho Velho, Pedra da Marca, Cangira e Caminho de Baixo, como subindo as ladeiras do Papagaio ou de São Gonçalo. Subo esta e, logo à esquerda, depois da esquina onde grandes letras amarelas indicavam o "Armazém Parque Oceânico de José Iglésias Escariz", estava a casa de um "alemão", meio misterioso, dono de fantástica biblioteca onde, mais tarde, muito estudei. Era Frederico Edelweiss. Defronte do engenheiro João da Mata Barros de quem, certa vez, ouvi uma frase que não esqueço: "Massapê é um terreno inventado por Deus para desmoralizar engenheiro". E por aí vou subindo, agora sem ser muito exato quanto à locação das casas, posto que o urbanismo da memória não requer muita correspondência com os mapas. Antônio Viana passava veraneios que se prolongavam. Com ele Hildegardes e Waltércio. Logo depois, a casa de Oscar Palmeiras onde, em tempos da colônia, esteve a capela de São Gonçalo. Lá, o professor Augusto Alexandre Machado recitava sonetos gongórico-baianos. Bem perto de onde duas velhas — Quinha e Simina — exercitavam, com imensa perícia (perdeu-se a arte?), o fazer queimados. Cinco por um tostão. Os de papel vermelho eram de araçá; papel amarelo, de mel de abelhas; verde, de hortelã-pimenta. E havia uns maiores, em papel branco, de que só vinham três na fieira e eram de "pera maçã". Logo estava o Sobrado-de-Miguel-Santana. Assim mesmo. Por extenso. Toponímico. Era a casa de um rico homem da estiva, personagem de alto-relevo nos candomblés da Bahia. Obá Aré na roça de Aninha. Promovia festas rituais prolongadas em bródios profanos que marcaram época. Conheci-o bem. Naqueles tempos e nos adversos que, a ele, se seguiram. Era homem de imenso saber da cultura popular da Bahia. Seu nome em teatro do Pelourinho é justiça que se lhe faz.

E nomes e nomes começam a chegar à lembrança: seu Marçal e dona Albertina. Ele fora músico do Primeiro Corpo da Polícia. ("Toquei regido pelo maestro Wanderley"). Ela felizmente ainda entre nós — figura catalítica de toda a área. Numa casa um pouco acima do nível da rua, um jovem ensaia celebrar missas. Seria monsenhor. Era o menino Renato Galvão. Uns irmãos — todos bons de bola — Maladu, Popó, Joaquim e Francisco, a contar histórias dos seus áureos tempos. Do outro lado, passava-se pela casa de veraneio do professor Mário Laert com a professora Maria José, pela casa de Sinhá Georgina, com Dedé e chegava-se a uma casa de fazenda recuperada. Lá, morava o engenheiro Afonso Oliva, que tinha uma filha muito magrinha, muito bonitinha, do cabelo muito lisinho. Que se chamava Expedita... Era vizinho do clã Figueiredo que, mais tarde, se mudou para o alto da Ladeira dos Apagados. O chefe era taquígrafo do Legislativo, função de prestígio e exigente de cultura capaz de pôr em bom vernáculo os discursos dos senhores deputados. E tinha a roça do Cangira, de seu Baracho onde aparecia, por ser parente, o cura da Sé, monsenhor Cruz, voz cava mais para cavernosa, como se aquele vulto magérrimo já estivesse no além-túmulo. Os meninos tinham medo dele. E lá vai gente chegando na lembrança: Bibico era o bicheiro oficial da área. Em tempos de perseguição, engolia as pules. Prudência arrumava altares para missas e casamentos. Astério lembrava os gols que fez quando era craque e jogava no primeiro time do Ipiranga. Sibem era pescador, sabia tudo do mar e, numa noite, viu a sereia. O promotor Vilas Boas fazia saraus de piano e violino em sua casa. Odete, a filha, aparecia como a musicista que viria a ser. Era perto de um candomblé. Tanto que não chegava a ser raridade ouvir Liszt, tendo como contraponto o adarrum, batido para chamar algum orixá mais recalcitrante.

Mais acima, outro Vilas Boas: seu Cícero com os muitos filhos. E tinha a quitanda de Barnabé e Maria, pais de Lídia, Matilde e Brasília, que, por não terem sido apresentadas a Gauguin nem a Di Cavalcanti, não estão nas telas.

Preciso sair de São Gonçalo deixando, ainda, lá dona Januária e seu falado patrimônio, Damiana, Passarinha, Vivaldo "Charlie Chan" e, bem lá em cima, já na entrada para a Ladeira de São João, o coronel José Galdino e sua gente.

Desço a Ladeira do Papagaio e logo encontro Alice Meister, filha de seu Walter, suíço comemorante do dia 1º de agosto; vejo todos e todas as Salinas de tanta vivência e integração no bairro. Lá está "der alte Becker" e seus filhos; e, também está Abraão que, como um patriarca que se preza, tomava conta da igreja que, agora se restaura. Desço um pouco mais a ladeira, passo pela casa do tabelião Heguet e chego ao posto telefônico — número faz favor... — e ligo para o passado.

DA PACIÊNCIA À MARIQUITA

Na Vila Matos, havia um cheiro. Tanto vindo pelo bonde 14 como (mais raramente) pela Avenida Oceânica, aquele cheiro denunciava a chegada. Esses óxidos-de-não-sei-dos-quantos, que andam por aí poluindo tudo, acabaram com aquele cheiro de maresia misturado com flor de mangueira, que era o do Rio Vermelho.

Ali fora a Fazenda Paciência. Ao tempo que estas notas querem abranger restavam poucos vestígios do roseiral do início do século, quando fora propriedade de Francisco Pinheiro de Souza. Logo na primeira casa — que fora da rica senhora Maria Joaquina Guimarães Brandão, as irmãs de Jesus Crucificado. Era uma rua mais de veranistas. Poucas casas se abriam durante o Inverno. Eram de lá — Armando Sampaio Tavares, Lídio de Mesquita por seus descendentes, Eduardo Fernandes, o comendador F. Santana (sobre quem circulavam histórias de ser *globe trotter*, e outras), um monte de irmãos Marinho Barbosa, Rafael de Menezes, Joaquim Leal Ferreira...

No Largo de Santana, a igreja. Da sua história, não é aqui o lugar para falar. Afinal, estas são lembranças pessoais e que falam de pessoas. Lembro D. Estevam, um beneditino de bem com o mundo. O padre Artur Peixoto com toda a certeza titular de cadeira cativa no céu, Vitalmiro Munford, Feliciano Rodrigues e outros vigários que à memória já não acodem. Mas, da igreja, que outros falem. Das suas devoções, das suas procissões, das suas freqüências. Aqui falo da gente ao redor dela. Dos pescadores da Casa do Peso a seu Zozô Maia; da Avenida Saudável ao Armazém Taboada ("Um careta cortou um pedaço da orelha do dono. Isto foi num Carnaval de antigamente"). Da pastelaria de Manoel Sobrinho à Padaria Rajo e, naturalmente, do marzão defronte de tudo e de todos.

Vou pela Rua Rafael, que, mais tarde, crismaram de Rua João Gomes para lembrar o antigo proprietário da terra. Também não obedeço a outro critério senão o da ocorrência na lembrança. Tinha a casa do engenheiro Oscar Carrascosa ("ele descobriu a fachada da Ordem 3 de São Francisco") e tinha a de Liberato Pinheiro de Souza. Lá, depois funcionou o Clube dos Dragões, que determinou tais ciúmes e rivalidades que acabou sendo fundado o Clube São Jorge. Para matar os dragões...

Numa esquina, com imponência de casa solarenga, o Chalet Violeta. Frieda e Hans Hoesli ali moravam e, pontualmente, às quintas-feiras, iam jantar na Vitória, casa do pai e sogro Emil Wildberger. Vizinhos de Cláudio Vieira dos Santos e de "dona Pequena" pais de Chico e dona Alice. Dia de aniversário de qualquer deles, era sinônimo de almoços de muitas mesas. Lá, conheci um homem muito curioso, chamado Júlio Mateus dos Santos, sobre quem ainda escrevo. E quem, menino daqueles tempos do Rio Vermelho não foi da Cruzada de dona Alice? Logo, na esquina com a Praça Colombo, Alfredo Magalhães. Era homem ilustre, professor da Faculdade de Medicina e da Escola Normal. Pediatra famoso, pioneiro em obras sociais de assistência à infância. É credor de boa biografia feita por médico que, ao afetivo já escrito, junte o científico que merece.

No fundo, na Rua da Lucaia, estava a casa do escrivão Almeida Couto, já dando para o rio, perto da ponte. Homem de bom viver, reunir amigos e até — sem faltar maledicência — falava-se que chegava a ter uma roleta em casa para divertir os convidados.

DA PONTE PRA LÁ

Passada a ponte, chegava-se ao Largo da Mariquita, bem mais estreito do que é hoje, com o mar chegando perto da linha do bonde. Lá, à esquerda, no alto, bem na foz do rio, junto às jangadas de pescaria e aos "saveiros do norte", que traziam carvão e cerâmica, tronejava a casa de Adolfo Moreira. Homem de largas posses, além de proprietário de sobradões no comércio, explorava a pedreira da Fonte do Boi, no seu quintal, na verdade toda a área do Monte do Conselho (onde, agora, fizeram uma favela grã-fina) até entestar com terras da Fazenda Amaralina, antes Alagoa.

Adolfo Moreira andava de automóvel. Durante muito tempo, o seu foi o único veículo motorizado que andou por ali afora os bondes e os caminhões da própria pedreira. Esta regulava os horários do bairro com uma explosão de dinamite todos os dias às três horas.

Teve, esse homem, sensibilidade bastante para não deixar que o imobiliarismo avassalador fizesse da sua casa mais um espigão da orla. Transformou-a em casa religiosa com o nome da sua mãe: Abrigo Hercília Moreira. A ele permitiram as posses e o espírito doar o terreno em que se construiu o Hospital para Crianças. Funcionou. Eu vi. Lá esteve um pedaço da vida do professor Alfredo Magalhães e de seus colaboradores. Depois, virou Maternidade Nita Costa, aconteceram alguns eventos e, hoje, tudo é ruína cobiçada pelo mercado de incorporações.

Logo, da Mariquita pode-se seguir para a Fonte do Boi por três ruas: a dos Dendezeiros, que hoje se chama Oswaldo Cruz, a do Meio, rebatizada para Frei Apolônio de Todi, e a Rua Direita, que, agora, é Odilon Santos. Um cientista carioca, um missionário italiano, um ilustre advogado baiano. Por isso, foram escolhidos para, com seus nomes, concorrerem para a morte de três topônimos da melhor tradição e óbvia ocorrência.

Ainda no Largo da Mariquita, estava a Venda de Folô. O progresso e a sofisticação do mercado acabaram com a significação social de uma venda de bairro. Lá — é claro — negociava-se a varejo gêneros alimentícios. Também. A venda, na verdade, tinha outras funções. Muitas outras. Podia ser um banco, uma agência de prestígios, um referencial para créditos, um ponto de encontro para decisões comunitárias, um clube, uma encruzilhada de informações. A Venda de Folô era tudo isto. Florentino Sobrinho Gonçalves disputava com o irmão Astério, do Largo de Santana, o pequeno comércio dos pescadores e com José Taboada as compras maiores dos mais abastados e dos veranistas. Herdara do pai o prestígio e o ramo de negócios. O negócio era seu. O prestígio comunitário dividia com os irmãos que eram muitos.

Na Rua dos Dendezeiros estava, entre outras, a casa de Alfredo Henrique de Azevedo. Casa de veraneio, pois que o seu dono morava em outra — réplica ampliada — no Campo Grande, onde, hoje, tem sede o Clube Carnavalesco Cruzeiro da Vitória. Ali, mais tarde, residiu o político Medeiros Neto, transformando-a em centro de decisões da vida pública da Bahia. Demolida, no local está, atualmente a Escola Euricles de Matos. Era ali a rua de Altamirando Requião ("Ele brigou com o arcebispo..."), a rua de Francisco Caracciolo Ferreira Júnior ("seu Ferreira da Casa Inglesa"), de Antônio Seixas Pereira no 36, e de Belarmino de Andrade no 60. Era, também, a Rua de Alfredo Messeder, médico tão metódico quanto lacônico no seu trato profissional. E era a rua de Judith. Judith fornecia marmitas. "Pontualidade e barateza", isto ela dizia de si própria. Se fosse nestes tempos sofisticados de hoje, o seu pequeno negócio bem poderia se chamar "Maison Lavoisier". Seria, no mínimo, uma homenagem. O lombo de segunda era o picadinho de terça e a almôndega de quarta. "Nada se perde..."

E porque este texto não é um recenseamento, vou adiante, passando rápido pela esquina da Rua do Meio, pela casa de "seu Clodoaldo, d'A Lâmpada". Clodoaldo Bastos era o árbitro da elegância do bairro. As camisas de seu Clodoaldo, o vinco das calças, o sapato de duas cores, tudo era objeto de reparo e até de imitações pelos mais aficcionados. Um garoto que seria o grande artista Carlos Bastos dava os primeiros traços.

Da Rua Direita fixo alguns nomes: logo, na esquina, a figura imensa (de corpo e de alma) de José Carlos Fernandes, tabelião de pouca conversa e alto conceito. Era o pai de "Alodê" (como era mesmo o seu nome?) que fez época na vida boêmia da cidade. Defronte, Manoel Marques e dona Lucila. Ele cuidava do estábulo, no Nordeste, donde abastecia a todos; ela — exemplo de boas maneiras — cuidava dos muitos filhos: "Mano", Edgard (que foi médico) e Guga, *center-half* do Bahia) Fernando, engenheiro e ponta-esquerda, Jorge e "as meninas" Lenucha e Jacy. Logo adiante, estava a solenidade hierática de dona Ampé, defronte da escola da professora Raquel. Na casa vermelha da esquina, havia uma como que vocação médica. Primeiro, o Dr. Álvaro de Carvalho, professor da faculdade; depois, grave e circunspecta, a doutora Esmeralda, sempre de "tailleur" verde, obstetra de boa fama. Defronte, a "venda de Josias". Da lata de "manteiga mineira Garça" à "quarta de carne-do-sertão", tudo na confiança da "caderneta" paga mensalmente (às vezes, com atraso) sem juros nem correção, que inflação não era palavra do vocabulário sabido ao tempo. A venda estava junto à casa de um morador a quem mais de uma geração do Rio Vermelho deve a justiça do agradecimento. Perceval da Cunha Vasconcelos, típico médico de bairro e de família, foi, por mais de 30 anos, o responsável pela saúde de toda a vizinhança e dos que, tendo se mudado, continuavam fiéis à sua clínica. Logo adiante, os ouvidos da memória escutam "Le lac de come" ao piano. É Walkíria Melgaço dando aulas, entre uma e outra missa ou novena em que tocava órgão ou harmônio nas igrejas da cidade. E ainda achando tempo para namorar, noivar e casar com o vizinho Walter (Buby) Knitel, filho de seu Fritz, alemão rotundo, curtido em muitos chopes do Bar Silva.

Por aí é que morava um menino e calado que, agora, quer se reencontrar defronte desta máquina. Bem perto da casa de Aurélio Cal, onde as filhas se esmeravam em fazer doces fantásticos e quem lucrava eram os provadores sempre a postos...

E tinha dona Dedé, e tinha o depósito de carvão de seu Magalhães, e tinha Silvanisio Pinheiro e, sobretudo, tinha o verso de Manuel Bandeira: "No tempo em que eu fazia aniversário, eu era feliz, e ninguém estava morto".

Na Fonte do Boi, poucas casas. Lembro a de João Duarte da Silva — João Pinguelinho, como era conhecido — riscador de milagres na Ladeira do Taboão, levava a ambigüidade do nome da sua loja (Ao Toilette de Flora) para uma lanterna mágica em que projetava umas silhuetas fesceninas para cuidados (e curiosidades) dos pais dos meninos. Depois, o Armazém Gaspar, de Gaspar de Souza Dias, e o começo da Rua das Pedrinhas, com gentes e histórias que são mais de Amaralina.

O PECADO DA OMISSÃO

Leio as lembranças aqui arroladas e fico com a sensação de que não disse nada. Chego quase ao fim do espaço gráfico e só fiz pecar por omissão. Falei de Pileco? de dona Autinha e seu filho Gegé? de Milton Vilas Boas? de Ciridião Viana? E Miquelina, que vendia as melhores cocadas do mundo e morreu soterrada durante um temporal? E seu Luís, motorneiro do bonde 15? E José Lacerda, dona Consuelo e seu filho Carlos, que "tinha jeito para piano"? Como, meu Deus, como falar em Rio Vermelho sem referir-me a dona Elveira que, além do mais, era profetisa ("minha filha Naninha vai casar com Osmar Brito que é rapaz de muito futuro"). Ela estava mais do que certa. E Sílvio Valente? E Magno, estudando umas coisas complicadas e namorando Celina Melo? E agora que me dizem que o espaço gráfico acabou definitivamente.